

423

SERMAM
DE S. IOAM
BAPTISTA
NA PROFISSAM

Da Senhora

MADRE SOROR MARIADACRVZ,

Filha do Excellentissimo

DVQVE DE MEDINA SYDONIA,

SOBRINHA DA RAYNHA N. S.

Religiosa de Sam Francisco.

No Mosteiro de Nossa Senhora da

Quietação, das Framengas.

Em Alcantara.

Esteueo SANCTTISSIMO SACRAMENTO exposto

Assistiraõ suas MAGESTADES, & ALTEZAS.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA

da Companhia de IESV. Prêgador de S. Magestade

EM LISBOA. COM TODAS AS LICENC, AS.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1652

SERMAM

DE SIONAM

BAPTISTA

IN AFRICAM

Disertoria

AMANDRE ZOTOR MARRA D'GRVZ

Tiba do Excelemilimo

DVOVE DE MEDUNA SYDONIA

ES BRITIA DA WYNA M.S.

Amigo de Amigo

No Mofato de Vitoria

Quicquid, das Transcuras

Im Mofato

Imo gantissimo, das Ameno

Imo gantissimo, das Ameno

Imo gantissimo, das Ameno

Imo gantissimo, das Ameno

Imo gantissimo, das Ameno

Imo gantissimo, das Ameno

Elisabeth impletum est tempus pariedi, & peperit filiū;
 & audierunt vicini, & cognati eius quia magnifi-
 cavit Dominus misericordiam suam cum illa, &
 congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere
 puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zacha-
 riam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam
 sed vocabitur Ioannes. Luc. cap. 1.

Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central

SENHOR.



O dia em que nace a Voz de Deos, ju-
 stamente emudecem as vozes dos ho-
 mēs. Admiraçoēs emudecidas são a re-
 torica deste dia: *mitati sunt uniuersi; pal-*
mos, & assombros são as eloquências de-
 sta acção: *Factus est timor super omnes vici-*
nos eorum. He dia hoje de fallarem os co-
 raçoēs, & de callarē as linguas: por isso a
 lingua de Zacharias emudeceu por isso os coraçoens dos
 Montanheze, fallauam: *Posuerant in corde suo dicentes.* E se
 em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar,
 & os discursos mais discretos são os que se remetem ao
 silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigaçoens
 em que as cousas do temor, & os motiuos da admiração se
 vê tam crecido? Se toda a razam dos assombros no naci-
 mento do Baptista era verem que dava Deos a hũa alma a
 mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo;* Quanto
 mais deue assombrar hoje nossa admiração ver q̄ dá Deos
 a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cū*
illo? Bem sei que disse Origenes, que dar Deos a mão ao
 Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de
 desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lu-
 gar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria: mas

Origenes.

desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço!
Marauilha grande! He caso este em que acho contra mim
todas as escrituras.

- Se lermos o Profeta, Oseas acharemos, que quereendo
Deos desposarse com hũa alma, disse, que a leuaria primei-
ro a hum deserto: *Ducã eam in solitudinẽ, & loquar ad cor eius.*
Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando
Deos a Hierusalem o tẽpo, que com ella se desposara, a-
nertio que fora noutro deserto: *Charitatem desposationis tuae
quando sequuta es me in deserto.* Se lermos os Cantares de Sa-
lamaõ acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre
todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro de-
serto se conseguiraõ. *Qua est ista qua ascendit per desertum:*
diz no cap. 3. *Qua est ista qua ascendit de deserto innixa super
dilectum suum:* diz no cap 8. Mas para que he multiplicar
escrituras, se o mesmo Espolo que está presente nos pode
escular a proua? O misterio em que Deos mais propriamẽ-
te se desposa com as almas he o Sacramento sobecano da
Eucharistia. Porque nelle (como grauemẽte notou S. Ago-
stinho) por meo da união do Corpo de Christo se verifica
entre Deos, & o homẽ: *Erunt duo in carne una.* E se buscar-
mos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou
estes desposorios, acharemos q os principaes, assi no velho
como no nouo testamento, forão desertos. A principal fi-
gura do Sacramento no testamento velho foi o Mana, du-
rou quarẽta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri mã-
ducauerunt Manã in deserto.* A principal figura do Sacramẽ-
to no testamẽto nouo, foi o milagre dos cinco paës eo mi-
lagre dos leite, & aõs socederam no deserto. *Desertus locus
est, & non habet quod mãducet. Unde eos quis potest hic saturare pa-
nibus in solitudine?* Pois qual he a razão (para q mais fundada-
mente nos admiremos) qual he a razão porque se desposa
Deos nos desertos sẽpre? Não he o Monarcha vniverfal do
mũdo, naõ he o Principe eterno da gloria? Pois já q hade
desposarie desigualmente na terra, porque não busca es-
posa com menos desigualdade nas Cortes, & nos paços
dos

dos Reys, senam nos desertos, & nas soledades?

A razão he, porq̃ esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada, não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida; S. Ioaõ nos fundarà a resposta. Fez Christo hũ Panegirico do Baptista (q̃ de taõ grã lefegrito s̃o Deos pode ser bastãte orador) as palauras foraõ poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. *Quid Luc.7 existis in desertũ videre? Hominẽ mollib⁹ v⁹ stitũ? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regũ sũt.* Sabeis quẽ he Ioaõ, esse a quẽ todos sabis a ver (diz Christo) He hũ homẽ q̃ viue no deserto: naõ he dos homẽs q̃ viuẽ no Paço. Notae el dizer! Pois Senhor, este he o thema q̃ vòs tomais para prẽgar do Baptista? Quando quereis cõcluir q̃ he o maior dos nacidos, fundais o Sermão em que viue no deserto, & não viue no Paço? Si. Toda a perfeiçãõ relumida consiste, como dizem os Theologos: *In prosequuntione & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ó vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, e diuinos, hũs saõ positivos, outros negativos; os positivos q̃ nos mãdãõ seguir o bẽ, os negativos q̃ nos mãdãõ fugir ó mal. Pois para Christo relumir a poucos fundamentos toda a perfeiçãõ do Baptista; q̃ fez? Disse q̃ era hũ homẽ, q̃ seguia todo o bẽ, & q̃ fugia de todo o mal. E para dizer q̃ seguia todo o bẽ, disse, q̃ vivia no deserto, para dizer q̃ fugia de todo o mal, disse, q̃ naõ vivia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quẽ era disse onde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quẽ era disse onde moraua, & onde naõ moraua. Para dizer q̃ era homẽ do Ceo, disse q̃ moraua no deserto: para dizer q̃ não era homẽ da terra, disse q̃ não moraua no Paço. E q̃ estãdo os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que s̃o se desposaua nos desertos, hoje o vemos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual serà a razão desta marauilha? Qual serà a razão, porq̃ Deos, q̃ s̃o se desposaua nos desertos, hoje se desposa no paço? A razão he; porq̃ o paço das Rainhas de Portugal he paço cõ propriedades de deserto. Deos cõmumete

Iob. 3.

desposafe no deserto, porq̃ não acha no deserto as condi-
çoẽs do Paço. hoje desposafe no Paço, porq̃ achou no Paço
as condiçoẽs do deserto. Quando a Iob no meo de seustra
balbos lhe pareceria melhor a morte q̃ a vida, entre as quei-
xas que fazia della disse desta maneira. *Et nunc requiescere*
cum Regibus, & Consulibus qui edificant sibi solitudines: Se eu
fora morto e stiuera agora descãçado entre os outros Reis
& Principes que edificão desertos Notauel modo de fal-
lar! *Cum Regibus qui edificant solitudines* Rey; que edificãõ
desertos, Se dixerã Rey; que edificãõ palacios, bẽ e stua,
mas Rey; que edificãõ desertos! Os desertos edificamse?
Antes desfazendo edificios he que se fazem desertos. Pois
que Rey; saõ estes, que treccã os termos a Architectura,
que Rey; saõ estes, q̃ edificãõ desertos? São aquelle; Rey;

Greg. Pap.

(diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal ma-
neira se contemporiza cõ a vaidade da terra que se trata
principalmente da verdade do Ceo; & paços onde se serue
a Deo como nos hermos, não saõ paços, saõ desertos: *Qui*
edificant sibi solitudines. Bem lito, que edificãõ; porque ná
dua; maneiras de edificar: edificar por edificio, & edifi-
car por edificãõ. O edificio faz dos desertos palacios, a edi-
ficaãõ faz dos palacios desertos. Hũ paço onde se serue a
Deos he hum deserto edificado. Paço onde só Deos se ser-
ue, & o mundo só se contemporiza: onde a clausura com-
pete com a das Religioẽs: onde das galas saõ dissimulaçam
do q̃licio: onde a licença do galãto, a liberdade dos laras
& outras mal entendidas grandezas saõ exercicios de es-
pírito: onde sair do Paço para o nuiciado mais he mudar
de casa que de vida; Este hermo cortezão não lhe cha nem
Paço, chamem lhe deserto. *Qui edificant sibi solitudines*. Já
disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fo-
ra tão religioso príncipe, & tão reformador da Casa Real,
q̃ e conuetera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit,*
ut haud alienum esset à Monasterio. Esta conto eu entre as
grandes felicidades do nosso Príncipe, que Deos guarde,
& a tenho ainda por maior, que a de outro Theodosio. O

Socrat.

outro

outro Theodofio fella, o noſſo achoua: o outro criou eſta
reformaçãõ, o noſſo criou nella. O que grandes fundamẽ-
tos para tão grandes eſperanças! E como no Paço de por-
tugal tem o Ceo tantas prerogatiuas de deſerto, que mui-
to, q̃ Deos coſtumado a ſe deſpoſar nos deſertos o vejamos
hoje deſpoſado no Paço? Ceſſem pois as admiraçoẽs com
as dos Montarheſes, rompaſe o ſilencio com o de Zacha-
rias, & comecemos a fallar neſta acçãõ pois no dá licença
o palmo: *Et apertum eſt illi. ó os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concuſſo
das obrigaçoẽs de hoje, porque ſãõ todas tão grandes, que
cadabũa pedia o Sermaõ todo. Para nam errar acon-
theime com o meſmo S. Ioãõ Baptiſta, & ſeguirei ſua dou-
trina. *Qui habet ſponſam ſponſus eſt, amicus autem ſponſi gaudio*
gandet. Eu ſou amigo de Chriſto. (Diz S. Ioãõ) a eſpoſa he
do eſpoſo, a feſta he do amigo. Aſſi ſeja. A feſta ſerá de S.
Ioãõ, o dia ſerá da Eſpoſa, & o Euangelho ſe accomoda-
rá tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos.
Vamos com elle, ſem nos apartar hum ponto.

Ioann. 3.

Elisabeth impletum eſt tempus pariendi; & peperit filium.
Iſabel diſpois de cõprido o tempo dos noue mezes foi mãy
de hũ filho. Aquella palavra *impletu eſt tempus*, depois de cõ-
prido o tempo, pareceo ſuperflua a alguns Doutores anti-
gos. Não eſtaua claro que S. Ioãõ auia de nacer como os
outros homẽs, paſſado o tempo que a natureza limitou pa-
ra o nacimiento? Pois porque diz hũa couza ſuperflua o E-
uangelista, q̃ naceo S. Ioãõ depois de comprido o tempo:
Elisabeth impletum eſt tempus? O Cardeal Toledo, & todos os
Literaes dizem, que não foy ſuperflua eſta aduertencia ſe-
nam muito neceſſaria; ſuposto que em S. Ioãõ ſe anteci-
param tanto as leys da natureza, que aos ſeis mezes de cõ-
cebido já tinha vzo de razão. E quem anticipou o vzo de
razão tantos annos, podia ſe cuidar que tambem antecipa-
ria o nacimiento algũs mezes. Pois para q̃ ſe ſoubefſe q̃ não
foy aſſi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioãõ depois de
cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum eſt tempus.*

Toled.

Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que S. Ioaõ naceo comprido o tempo, porque não anticipou o nascimento; bem dito està: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assi como anticipou o tempo do vzo da razão? O vzo de razão, segundo as leys da natureza, auia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos noue meses da conceição. Pois se anticipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ não antecipou o nascimento algũs mezes? Porque o nascimento pertence à vida da natureza, o vzo da razão pertẽce à vida da graça; & nas materias temporaes o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mudo, faça o tempo o que hade fazer o tempo: para nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, faça a razão. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figeira muito copada, chegou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. & nota o Euangelista S. Marcos (consa muito digna de se notar) que não era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus ficorum.* Pois valhame Deos: pasmaõ aqui todos os Doutores Senão era tẽpo de fruto, para q̃ o foi Christo buscar? E se o nam achou, quando o não auia, porque castigou a aruore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senão era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chrystomo) porque ainda que por ser Primavera não deuia frutos ao tẽpo, por Deos se querer servir della deniaos à razão. E as diuidas da razão nam bam de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao mundo faça o tempo o que hade fazer o tempo: *Et sabbeth impletum est tempus;* mas para dar frutos a Deos, o q̃ hade fazer o tempo, faça a razão: *Exultauit infans in utero.* Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fez a razão o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela

Marc. 13.

Chrysost.

pela razão isso acontece a todos, mas adiantar-se a ra-
zam aos annos, fazer a razão o que auia de fazer o tem-
po; isto só se acha no Baptista: se bem gloriosamente imi-
tado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o annos:
o Abril mudado em Setembro, & os frutos que auia de
amadurecer o tempo, lazoados na razão! Quem podia
fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senam a
esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra* Cam. 1.
tempus putationis adueniat? Allí obedecem os tempos, onde
allí domina a razão. Que já o mundo, & a vida não sabão
enganar? Que vejamos tantos defenganos da vida em tam
poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razão o
que auia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os de-
fenganos he fazer o tempo o que faz o tempo: mas antici-
parem-se os defenganos aos annos, he fazer a razão o que
o tempo auia de fazer. Queixaua-se Marco Tulio que sena Cicer.
do os homêes racionais, pude-se mais com elles o discurso
do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vamos o
discurso da razão mais poderoso que o discurso do tem-
po. Que não bastassem nouenta annos para dar lizo a He-
lí, & que bastassem dezoito annos para fazer sezudo a
Samuel? O que grande victoria da razão, contra a sem
razão do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem
razão do tempo: Hũa mocidade defenganada he a maior
victoria da razão. Que nam corte os cabellos Sara de-
pois de pentear defenganos, & que os cabellos de Absalão 2. Reg. 14.
na idade de ouro sintão os rigores do ferro: Que enxugue Luc 7.
a Magdalea as lagrimas dos pès de Christo com os ca-
bellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que
ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os
olhos enxutos? Que Iacob na primavera dos annos Gen 48.
enterre a sua Rachel, he inconstancia da vida: mas que
Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma?
Grande valor da razão. Dar a vida a Deos quando el-
le a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quan-

do elle a dá, he sacrificar a vontade: Quem dedica a Deos os ultimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe consagra os primeiros, faz Religioso ao amor da vida.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em q̄ resistem mais os poucos que os muitos. Deixaremse vencer da razão os muitos annos, não he muito: mas deixarêse vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam! E mais se considerarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas: (como eram os do Baptista) não he tanto, que não defendão à força da razão: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desengañados! Graõ victoria. Offerreco el Rey David a Bercellai hũ grande lugar no paço, & elle que era já de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine*: Respondeo que affaz tinha aprêdido em tâtos annos a desengañar-se das Cortes, q̄ o deixasse o Rey viver retirado consigo, & tratar da sepultura; porê que aceitaua o lugar para hum seu filho que tinha de pouca idade: *Est seruus tuus Chamaam ipse vadet tecum*. Parece que se implica nesta accçam o amor de pay, mas explicase bem o engano do mundo. Desengañaraõ a Bercellai os muitos annos propios para não querer o Paço para si, & enganaraõ os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sei que tem o Paço, e os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atrenem ao deixar os poucos. Teue conhecimento para o deixar hum velho, não teue a nizo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se substituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E q̄ não auendo valor na velhice pera deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa: que baja resolução na mocidade para meter o mundo debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafrenta boje a

natu

natureza humana. Lá dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus* Ad Gal. *est, & ego mundo*: O mundo está crucificado em mi, e eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas, não he muito. Mas quando o mundo me mostra bom rosto, dá eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós choreis por elle; ò fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vós, vós vos riáis delle, ò valentia!

He tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão não ficou S. Paulo o credito della, tenam dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyles, & diz assi: *Moyles grandis factus negavit se esse filium filia Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei* &c. Moyles depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Farão, deixou a Princesa, deixou quanto alli possuia, & esperava, escolheo viver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*: que fez isto Moyles depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resolução & não dos annos de Moyles. Pois se a resolução estava no animo, & não nos annos porq̃ diz que era de mayor idade Moyles, quando deixou o Paço, e se catiuou por Deo. Direi Moyles criar-se no Paço del Rey Farão desde menino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho, & como tal era servido, & venerado com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyles a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de hũa coroa, parececolhe a S. Paulo q̃ não era façanha creiuel em poucos annos; por isso ajuntou a resolução com a idade, para que a idade desse credito a resolução. *Moyles grandis factus*. Como se dissera. Ninguem duvide esta galharda acção de Moyles, porque quando a fez era já de mayor idade, bem cabia nos seus annos. Ora

seja embora a resolução de Moyses victoria do tempo, q̄ a grande acção q̄ nós celebramos hoje, cõ ser tãõ parecida em tudo o mais, não se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui a força da razão, o que lá fez o poder do tempo: *Elisabet impletum est tempus.*

Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que naceo S. Ioã (Iiz o Euangelista) sou se logo pelo lugar, q̄ engrandecera Deos sua misericordia com santa Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notavel dizer: Parece que não estã boa a consequencia do texto. O que sou pelo lugar, avia de ser o q̄ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & malisiosas, & não nas môtanhas simples. O nossõ Euangelho o diz: *Divulgabantur omnia verba haec.* q̄ o q̄ se divulgava era o mesmo q̄ succedia. Pois se o q̄ succedeo foi nacer o Baptista *Elisabet peperit filiũ*, como diz o Euãgelista q̄ o q̄ sou foy q̄ engrã decera Deos sua misericordia: *Et audierũt quia magnificavit Deus misericordiã suã?* Grande louvor do Baptista! Quando as vozes dizião em casa de Zacharias, que nacera Ioão, repetiã os eccos nas môtanhas q̄ Deos engrã decera sua misericordia; porque quando Ioão sae ao mundo, augmentãose os attributos a Deos: quando Ioão nace, Deos crece. Não he arrojamẽto, senão verdade muito cbãa. Dif

Ann 3.

leo o mesmo S. Ioão, & mais fallava em seus louvores cõ grã le modestia, *Illũ oportet crescere me autẽ minui.* Importa q̄ elle creça, e q̄ eu diminua. Aquelle (elle) não se refere me nos, q̄ ao verbo humanado. Pois como ahi? Deos ainda em quãto humanado não pode crescer. Como logo diz S. Ioão *Illam respicit crescere: imporra q̄ elle creça?* E dado q̄ pode se crescer, q̄ depẽ lécia tinha os creci mẽtos de Deos, das dimiuições do Baptista? Deos he grande sem depãder de ninguẽ. Como diz logo: *Illam oportet crescere, me autẽ minui.* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possivel crescer Deos? E he possivel q̄ o seu crescer depẽda do Baptista? Si. Porq̄ ainda q̄ Deos por ser infinito, ão pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimẽto, humano pode cre

cer

cer na nossa estimação. E na estimação dos homẽs, nẽ Deos
podia crescer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia
diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito q̃
os homẽs faziaõ de Deos antigãmentẽ era tal, q̃ quando o
Baptista appareceo no mũdo, affectarãõ q̃ elle era Deos. Cõ-
forme esta resoluçãõ lhe forãõ offerecer adorações ao de- Maeb. 11.
serto, onde o mesmo S. Ioaõ os desenganou. E como o Bap-
tista, & Deos na opiniaõ dos homẽs, erãõ iguais; tãto q̃ por
seu testemunho se desfez esta opiniaõ: necessariamente cre-
ceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista por
q̃ ficou menor q̃ Deos: creceo Deos, porq̃ ficou maior q̃ o
Baptista. De sorte, q̃ depois q̃ o Baptista veyo ao mũdo ficou
Deos, para cõ os homẽs, maior do q̃ tãto era, porq̃ dãtes era
como o Baptista, depois começou a ser maior q̃ elle. Dõdele
iofere e grãde louuor deste grãde sãto, q̃ a medida do Bap-
tista he ser menor q̃ Deos, e a medida de Deos he ser maior
q̃ o Baptista. Naõ tenho menos abonado fiador, q̃ S. Agostinho. August.
Quisquis Ioanne plus est nõ: aut homo sed Deus est. Sabeis
quem he Ioaõ? He menor que Deos. Sabeis quem he Deos
he maior que Ioaõ. Com esta differença porem; que era
quanto S. Ioaõ o não disse, erãõ iguais, depois que o teste-
munhou começou Deos ser maior. Que muito logo, que
creça Deos nos seus attributos, quando Sam Ioaõ nace no
mũdo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia sua.*

Desta maneira creceo Deos na q̃lle tẽpo, e tãbẽ eu hoje,
se a cõsideraçãõ me não engaua, o vejo muito crecido. E
tãto crece nas minguaõtes de Ioaõ, hoje crece nas minguaõ-
tes do mũdo. Apareceolhe a Nabucodonosor aq̃lla tãto re-
petida, & tãto prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocan-
do lhe hũa pedra nos pẽs de barro, a estatua se diminuiu a
poucas cinzas, & a pedra creceo a grandez de hũ monte.
Factus est mons magnus, & repleuit terrã Para entẽder esta fi- Dan. 2.
gura, q̃ he enigmatica saibamos quẽ era a pedra, e quẽ a es-
tatua. Em sãto de S. Ambrosio, e S. Agostinho, a estatua Ambros.
era o mũdo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como August.
crece a pedra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mũdo
como diminue a estatua? O mũdo diminue se? Tudo lão

effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação q
fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & di-
minue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se
pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mundo, & dimi-
nue Deos, se pomos o mundo aos pés de Deos, crece Deos
& diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nada
do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o
tudo do mundo por amor de Deo, he fazer a Deos maior
que tudo. *Accedet homo ad cor altum. & exaltabitur Deus.* Bê-
dito seja elle, que de quantas vezes vemos a Deos tão pe-
queno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje
tão grande, & tão crecido! Tão crecido, & tão acrecenta-
do está hoje Deos em sua grãdeza, quãtas são as grandezas
do mundo que vemos a seus pés arrojadas. A estatua de
Nabuco, na estatua representava grandezas, na materia
riquezas, na significação estados, & tudo isto abraçado em
fogo do coração se rende hoje em cinzas aos pés de Chri-
sto. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quẽ
lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he
muito maior que si mesmo. Para derrobar cõ hũa pedra ao
Golias bastou a funda de David, para derrobar com outra
pedra a estatua de Nabuco foram necessarios impulsos (po-
sto que innifueis) do braço de Deos. O Golias tinha de al-
tura seis couados, a estatua tinha sessenta; que nas grande-
zas mais pompofas do mundo sempre são maiores os Gi-
gantes que as estatuas. Nunca as machinas vivas igualão à
medida das sonhadas, Sonha a fantezia, promete a esperã-
ça: profetiza o desejo, representa a imaginação: & ainda q
a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas
o prazo destas profecias, a verdade destas representações
nunca chegão; mais triumpho o amor diuino, quando piza o
fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido.
Deixar antes de possuir he vsura de merecer; porque quẽ
mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dá
os onde são maiores. A melhor parte dos bẽs desta vida he
o esperar por elles: logo mais faz que se inhabilita para os
esperar,

Psalm. 66

ii. Reg 17

Dan. 3.

esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançanão as redes & não quando as recolhião: *Mittentes rete in mare.* Math. 4
Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lanção leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ò quãtas & quam bem entendidas grandezas honraõ hoje escopiado o sacrificio os altares de Christo! Dezia São Paulo aos Romanos, que ninguem pôde dar a Deos senão o q̃ Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tam engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe deu. Não ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal he o mudo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tanto, quanto o mudo costuma prometer: Bem se segue logo, que mais dà a Deos quẽ lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mudo vos promere dais muito mais. O quão liberal està com Deos, quem dando! he as maiores grandezas, ainda buscá arteficios de lhas dar acrecentadas! E que arteficio pode auer para acrecentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: Que nos exemplos desta acção não se pode deixar de aprender muito. Os bẽs, & grandezas do mundo falsamente se chamão bẽs, porque são males, e sem razão se chamão grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio parã fazer das pouquidades grãdezas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperança; porque esses, que o mundo chama grandes bẽs, só são bẽs quando se deixaõ, ò são grandes quando se esperam. A esperança lhe dá a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bẽs, esperados são grandes. E affirma mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o q̃ possui. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdezas,

são despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos
impullos daquella pedra divina. O como desaparece a es-
tatua? O como crece o monte. De nossas diminuições au-
gmenta Deus suas grandezas, de nossos desprezos sua
Magestade.

Apoc. 4.

La vio Sam Ioão no Apocalipse aquelles vinte, & qua-
tro anciãos, que tirando as coroas das cabeças lançavam
aos pés do trono de Deus: *Mittentes coronas suas ante thro-
num.* Tornou a olhar o Evangelista, & vio, que Deus tinha

Apoc. 9.

muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diademas multe.*
Pois se as coroas se lanção aos pés de Deus, como tinha
Deus as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deus
em sua grandeza, quanto desprelão os homens por seu amor.
As coroas na cabeça de Deus eram augmentos de sua grã-
deza: as coroas aos pés de Deus eram desprezos do amor
dos homens, & com as mesmas coroas que arrojaua o des-
prezo humano, se autorizaua a Magestade divina: porque
tanto crece Deus nos augmentos de sua grandeza, quanto
tão são as grandezas que põe aos pés de Deus nosso amor.
Digase logo, que creceo, & se engrandeeo Deus hoje
duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioão, outra
vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, &
ser preferido a Ioão, he crescer muito Deus em sua esti-
mação, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia
magnificauit Deus misericordiam suam.*

Et uenerunt circumcidere puerum Vieram circuncidar o
minino. Suposto que o minino era S. Ioão, parece que o
não auião de circuncidar. A circuncisaõ naquelle tempo
era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo.
Pois se S. Ioão estava já livre do peccado original, se estava
em graça de Deus, & santificado nas entranhas de sua mãy,
porque se sujeita ao rigor da circuncisaõ? Porque ainda
que a circuncisaõ não lhe tiraua o peccado original, de q̃
estava livre, acrescentaua-lhe a graça da justificação, com q̃
nacera santificado. E esta he nos seruos de Deus a mayor
sineza da virtude, sujeitaremse, a tomar para augmento da
graça,

graça; os rigores que Deos deixou pera remedio da culpa. A circuncisaõ nos outros hom. ãs era remedio da culpa; em S. Ioão era sò augmento de graça; & sogear-se S. Ioão para maior graça, nas izenções de innocete aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio. Falla Zacharias *Zach. 9* á letra do mayor sacrificio da ley da graça, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assi. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius nisi frumentum electorum & vinum germinãs Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, se nam o pão dos escolhidos; & o vinho dos castos? Que seja bom, & benissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, não auerá quem o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Nam sei como o auemos nós de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a direi. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na cruz foy sacrificio para remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graça. Ainda que em Christo não avia peccados proprios, nem merecia graça pera si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfacãm de nossos peccades, & os meyo de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na Cruz pera remedio da culpa! que empenhe corpo, & sangue para augmentar merccimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdã ao peccado! he circunstantia de sacrificio taõ releuante esta, q da mesma idẽtidade tira differenças, & da mesma igualdade vtagẽs. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o acto

da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisaõ para re nedio da culpa, deu o São Ioão (que a não tinha) ò pera augmentos da graça; & que se sacrificou hum innocente, para crescer nã g aca ao que estã sogeito o peccador para remediar a culpa! Grande acção do Baptista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

Duas innocencias temos hoje sogeitas aos remedios da culpa: ambas condemnadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̃ taes iniustias como estas sabe fazer o amor diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que fação grande penitencia os grãdes peccadores, he muito justo: que a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado condemnado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada cõ tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque auia de ser o mayor Santo. Não pode chegar a mais o mais temeroso desejo da santidade, que sogeitar-se aos remedios do peccado quem goza os priuilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Christo para com os homẽs, & diz desta maneira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatum fecit*: Amou o filho de Deos tanto aos homens, q̃ não tendo conbecimẽto de peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo não era innocetissimo, antes a mesma innocencia? Por razão da união ao verbo sua alma não era impeccauel? As mesmas palauas o dizẽ, *qui peccatum non nouerat*. Pois como pode caber delito na innocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit*? Respõdo. O impeccauel não se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer peccador de penas. Não pode cometer peccado quanto á culpa, mas pode se sogeitar á pena do peccado como se o comete-

2 ad Corin

ra. Isto he o que fez Christo por amor de nós, & isto he o q̃ muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non no- uerat pro nobis peccatum fecit.* Não pode o amor chegar a ma- yor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a fazerse peccador nas penas quem he innocēte nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, bus- ca na penitencia o remedio de seu pec ad: mas fazerse peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na pe- nitencia o desa fogo de seu amor. A penitencia no pecca- dor paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofendeo neste pelo que ama. vede quaes agradação mais a Deos, se as satisfaçōes no offendido, se as obrigações de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor compe- tidas, como as diuidas de nossa obrigaçam desempenha- das. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de pe- nas, hũa innocencia em habito penitente vós offerece ho- je a terra, elposo do Ceo; que estas são as cores de vosso pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras de vosso Reyno. *Filia Babilonis induuntur purpura. & bisso,* (dizia S. Bernardo em semelhante acçã a virgẽ Sophia) *& subinde conscientia pannosa iacet: fulgent monilibus moribus sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed di- uinis aspectibus non humanis. intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* Nem a romancear me atreuo estas palauras, porque em tanta differença de eleiçoes, ou se hade topar com o agrauo, ou com a lijonja. *E contra tu* (só isto quero repetir) *foris pannosa intus speciosa resplendes:* Pelo contrario vós, ò elposa de Christo (diz S. Bernard) como dentro tẽ- des a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas: por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores. *Foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente que quãdo reparo nestas palauras me parece que vejo já sinaes do dia do Juizo. Hum des sinaes do dia do juizo será (como diz *Apoca. 6.* S. Ioaõ no Apocalipse) vestirse o sol de cilicio: *Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus.* E se já vemos vestido de cili-

D. Bern.

Apoca. 6.

10. 524

cio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores debaixo da asperesa de tam grosseiros eclipfes, que auemos de dizer? Que se acaba o mūdo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pode dizer: *ff*, porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mūdo para quem acaba com elle: Como cadahum de nós tem o seu mundo, o vniuersal acaba com todos o particular acaba com cadahum. E que muito que se v. jio ffoaes do dia do Juizo em hūi alma para quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o faz innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pôr luto, para os olhos de Deos pôr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocēte, porq̃ não ha sacrificio mais fermoso a os olhos de Deos, q̃ hūa innocēcia illustre em habito de penitencia.

Genes. 3

Aquellas pelles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo estauãoolhe muito mal a Adão, mas estauamhe muito bẽ a Abel. A Adam estauãoolhe muito mal, porque eram habito de peccado com penitencia, a Abel estauamhe muito bem, porque erão habito de penitencia sem peccado: em Adão erão habito de penitenciado, em Abel eram habito de penitēte. Esta grande differēça ha entre a penitēcia dos peccadores, & a penitencia dos innocētes; q̃ a penitēcia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocētes he virtude. Não quero dizer q̃ os actos de penitēcia no peccador, & no innocēte não se jão virtuosos sēpre. Sõ digo q̃ os peccadores tomaõ a virtude da penitēcia pelo q̃ tẽ de remedio, os innocētes tomaõ o remedio da penitēcia pelo q̃ tẽ de virtude. Dõde se segue: q̃ a penitēcia hõra os peccadores, os innocētes hõrao a penitencia. A penitēcia hõra os peccadores, porq̃ lhe tira a afronta do peccado, os innocētes hõrao a penitencia porq̃ lhe tiram a mistura do remedio. O ditoso Baptista, o ditosa alma imitadora vossa; ambos em habito de penitentes, & ambos hõradores da penitēcia. Ditosos vds q̃ fazeis trofeos de vitoria os instrumentos do desagrauo, & gozais a prerrogatiua

de penitentes, sê o delar de arrependidos. Em vds he virtu-
de o q nos outros he remedio, em vds eleiçã o q nos ou-
tros necessidade. Sd em vds não he remedio do peccado a
penitência, sendo q só a vossa penitencia poderá ser reme-
dio do peccado. Porq offensas não merecidas, quaes são as
de Deos, sô se pagão cõ castigos, não merecidos, quaes sam
os dos innocentes. O merecimento offendido só o pode sa-
tisfazer a innocencia castigada. O q grande sacrificio para
Deos! O q grãde lisonja para o Ceo! Là disse Christo, q faz Luc. 15
maior festa o ceo ao peccador penitete, q ao justo sê peni-
tencia. Pois se a innocência do justo agrada muito, & a peni-
tência do peccador agrada mais; quanto agradará aquelle ex-
cellente estado, q abraça a perfeição de ambos, & ajunta a
penitência de peccador cõ a innocência de justo? Isto he o q
fez o Baptista hoje na circuncisaõ sojeitando izençoens de
innocência a remedios de peccado. *Et venerunt circumcidere puerum.*

Et vocabat eum nomine patris sui Zachariam Feito o actõ da
circuncisaõ tratouse de dar nome ao menino, & queriam
os circũstantes q se lhe puzesse o nome de seu pay, & q se
chamasse Zacharias Ouio isto S. Izabel, & disse: *Nequaquam*
por nenhũ caso: não se hade chamar assi. E porq razão? Por
q não se hade chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não
era nome sãto? Não era nome illustre? Não era nome autho-
rizado? Não era nome glorioso? Sy era, mas era nome de
pay: *Vocabat eum nomine Patris sui.* E o nome dos pays quanto
mais illustre, quanto mais glorioso, tãto menos obade tomar
quẽ professa servir a Deos, como professava o Baptista. No Ps. 44.
nome perpetuale a memoria dos pays; na Religião profes-
salle o esquecimẽto delles: *Obliviscere populum tuum, & domum patris*
tui. E como o Baptista avia de se (como foi) primeiro fũda-
dor, & exẽplar de Religiosos; não quiz prudẽte S. Izabel, q
temisse o nome de Zacharias; porq não era justo q conser-
vasse a memoria dos pays no nome, quẽ professava o esque-
cimẽto dos pais na vida. Quereis q se chame Zacharias, por
q he nome de seu pay? Alegais cõtra vbs. Antes porq he no-
me de seu pay, senão hade chamar assi. *Vocabat eum nomine pa-*
tris sui Zachariae, & ait mater eius nequaquam. Que grandemẽ-
te imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este

exemplo do grande Baptista, S. Lucas, porque escreuia pa-
 ra a memoria dos futuros, detene-se neste lugar em contar
 a genealogia dos pays de S. Ioão; eu que fallo aos olhos
 dos presentes, não me he necessario determe em tão sabi-
 do, como tambem me não fora possível em tão grandioso
 assumpto. Muito fez quem deu o nome de Zacharias,
 authorizado alfin com hũa teara; mas muito mais faz q̃
 deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no ceo,
 & na terra) cajo real, & esta la ecido sangue se teceo sempre
 nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria que
 em nenhum outro Reyno (posto que com igual magestade
 em tantos) o vemos felizmente coroado. & veremos em
 immortal descendencia, no noſſo de Portugal. Este he o fa-
 mosissimo em todas as idades: o eminētissimo em todas as
 pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissi-
 mo em todas as historias, no me de Gusmão; & este he o q̃
 hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se ad-
 mire nesta eleição o virtuoso, se o discreto? Em fim a vir-
 tude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Matth 28

Marc. 16.

Quando os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão
 as Marias o que buscavão; vzarão de diferentes termos
 (segundo diuersos Euangelistas.) O Anjo de S. Matheus
 perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesū qui crucifixus*
est queritis. O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavam a
 Iesu Nazareno crucificado: *Iesum queritis Nazarenum cru-*
cifixum. Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Ie-
 zu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Mat-
 theus lhe chamou Iesu crucificado somente, & não fallou
 no Nazareno? O melhor comentador dos Euangelistas, o
 doutissimo Maldonado, notou aduertidamente, que o Anjo
 de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de San-
 Marcos appareceo como homem. *Matheus Angelum, Mar-*
cus hominem appellat. He do texto. Porque S. Matheus diz al-
 si. *Angelus Domini descendit de caelo qui dixit mulieribus:* Hũa
 Anjo do Senhor desceo do Ceo, que fallou ás mulheres. E
 S. Marcos diz assi. *Intrantes monumentum viderunt iuuenem*
sedentem.

sedentem: Entrando no sepulchro viram hum mancebo as-
sentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era
homem, & em S. Matheus era Anjo; por isso o de S. Marcos
chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S.
Matheus chamou-lhe Iesu crucificado sómente, & nam
fallou no Nazareno. Ora notai Entre o Nazareno, & o cru-
cificado a esta differença em Christo; que o Nazareno
era nome dos pays, o crucificado era nome da cruz: & an-
tepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o
nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazê os Anjos q são co-
mo homẽs; mas tomar o nome de crucificado, e callar o de
Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pa-
ys, isso fazê os Anjos q são como Anjos. O Anjo de S. Marcos
q fallou como homẽ da terra: *Viderũs iunemẽ sedentẽ*, antepoz
o nome dos pays ao nome da cruz: *Iesũ quãritũ Nazarenũ
crucifixũ*. O Anjo de S. Matheus, q fallou como Anjo do
Ceo: *Angelus Domini descẽdit de Caelo* tomou o nome da
Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est
queritis* O discrimẽ mais q humana! O eleiçã verdadeira-
mẽte Angelica! Sei eu q as Marias ouviraõ os Anjos, mas
nenhũa dellas aprẽdeo a mudar o nome. Maria Magdalena
nam se chamou da Cruz, senam Magdalena: Maria Cleofẽ
nam se chamou da Cruz, senam Cleofẽ. Nam souberam
deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Ma-
rias porque estaua este religio primor guardado pera ou-
tra, que na deuaçã auia de vencer as Marias, & na discrimẽ
çã m igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se leuantou ques-
tão sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos
hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem là contradisse o
nome de Ioã foraõ as pessoas mais authorizadas que assi ^{Toledo}
stiaõ à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*
comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnará o no-
me da Cruz, serà tambem a pessoa mais authorizada que
assiste à celebridade da festa, q he que? christo Sacramenta-
do. E assi como là diziaõ que não se auia de chamar Ioã
senam

senão Zacharias: assi cá diz Christo que não se avia de cha-
 mar da cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação se
 fundamento miaba, he acomodação verdadeira tirada
 com toda a propriedade, do texto. O nome que là querião
 dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer?
 Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso
 mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a
 memoria do Senhor, q̄ elle nos deixou por prendas em sua
 ausencia, *Hec quotiescunq̄ feceritis in mei memoriam facietis*.
 Está fundado. Agora pergunto eu. E que rezaõ tem chris-
 to Sacramento lo para dizer, que não quer que o nome
 seja da cruz senam do Sacramento? A razão he muito fer-
 çosa. Porque professar Religiam mais he Sacramentarse,
 que crucificar-se. Todos os factos communmente cha-
 mam cruz ao estado Religioso: mas com licença sua eu di-
 go, que o estado Religioso tem mais do Sacramento q̄ da
 cruz. A razão em que me fundo he esta. Porque na cruz
 morreu Christo hũ só & zino Sacramento morre todos os
 dias O sacrificio da cruz foi cruento, mas fo y unico; o sa-
 crificio do altar he in cruento, mas he quotidiano.

Rom. 15. A maior fineza do amor he morrer: *Miorem charitatem
 nemo habet*; mas tem hum grande desar esta fineza, que que
 a faz não pode fazer outra. He a mayor fineza, mas he a vlti-
 ma. E como Christo amava tam extremamente aos homẽs
 & via que morrendo na cruz se acabava a materia a suas
 finezas; que fez? Inventou milagrosamente no Sacramẽto
 hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder
 dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he
 a vantagem que leva em Christo o amor que nos mostrou
 no Sacramẽto, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz
 morreu huã vez; no sacramento morre cadadia: na Cruz
 deu a vida; no sacramento perpetuou a morte: A Esposa,
 como quem melhor as sabe avaliar, nos dirà a verdade de
 sta fineza. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus amula-
 tio*. O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he co-
 mo a morte, & se he mayor (que isso quer dizer *amulatio*)
 he

Cont. 8.

he como o inferno. Notavel dizer! Porque razão compara Salamão o amor grande à morte, & o amor maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor grande se compara á morte, & o maior ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer huã vez; perpetuar a morte he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. Competio o amor de Christo no Sacramento, & amor de Christo na Cruz; o da Cruz foi como a morte, porque chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foy como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernum amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz morrese huã só vez, no Sacramento morrese cadadia. Sei que disse S. Agostinho que sò os Martyres pagão a Christo a fineza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrã por quem morre por elles. *Qui accedis ad Mēsā Principis debes similia preparare, hoc beati Martires fecerūt*. Mas esta razam de S. Agost. (denos licença olume da Igreja) impugna se facilmente. Porq̃ muitas mortes não se pagão cõ huã só morte: *Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrem huã só vez: logo não pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremós a isto? Digo que os martyres pagam a Christo na Cruz, os Religiosos pagão a Christo no Sacramento. Os Martyres pagam a Christo na cruz, porque morrem huã vez, por que huã vez morreo por elles: os Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque morrem cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar de todos, sam Paulo. *Quotidie morior: cadadia morro*. De maneira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum modo de morrer sem acabar, para morrêdo poder dar a vi*

da, & nam acabando por ser repetit a morte; a si os Patriarchas das Religiões (& melhor q todos o Serafico e sea diuino instituto) parecêdolhe pouco amor não morrer, e pouca morte morrer hũa sôves; acharão este modo milagro samete natural de viuer morrêdo pera na morte multiplicarê as entregas da vida, e na vida perpetuarê os sacrificios da morte

Grande lugar do Protopatriarcha das Religiões sam Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religiões mais estreitas, & diz, que a cella de hũa alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura amula!* Pois saibamos; que calidades tem hũa cella para tam nobre competencia? Em que presunções se fûda esta emulação? Que se cõpare a cella a qualqr sepultura; justa semelhãça: porq onde o habito he hũa mortalha, o leito hũ ataudê, as paredes taõ estreitas, & cõ taõ pouca luz, como estas q vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si. mas sepultura não outra, senão a de christo; porq razão? Porq nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo estene a vida morta, e a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, o religiosos spiritos. *O cella dominica sepultura amula, qia mortuos suscipis & renouiscere facis.* O cella verdadeira mête imitadora da sepultura de christo, pois està em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porq não têvlos a vida; a morte resuscita la, porq tê alitos a morte. Es hũa suspençã gloriosa de morte, e vida [i: bẽ gloriosa cõ pena] on se põsta a alma nas rayas do viuer, & morrer participa indicoisamete o mais rigirioso de ambas: insensivel, como morta, pera o gostoso da vida; sensitiua, como viua, pera o penoso da morte. Enti se vê multiplicado o milagre natural da Feniz. sê do patria. & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nace a morte, faltãdo cinzas, mas não faltãdo incêndios. Enti (e cõ maior propriedade he je) se vê verdadeira a metafora dos orizõtes, sêdo oriête, e occasojuntamente, ô se o Sol no mesmo instante morto, & nascido resuscita a hũ emisferio quãdo se sepulta a outro. Enti finalmente (cõ seres a melhor parte do paraíso) se vê sê fim gimen.

gimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito
hũ Ticio em bẽaventurãça de penas, q̃ não podẽdo morrer
para morrer mais vezes, tẽ morta a vida & immortal a mor-
te: *Stemper q̃ renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he mui-
to q̃ ache eu comparações no inferno ao maior sacrificio,
quã lo no inferno as buscou a alma sacra ao maior Sacra-
mẽto. De hũ & outro se pode dizer cõ grã se f melbançar:
Dura sicut infernus emulatio. E como o sacrificio da Religiam
por ser morte perpetuada, se par. e: mai. com o Sacramen-
to q̃ cõ a cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essen-
cia das cousas; parece q̃ quẽ professa Religiaõ não se deve
chamar da Cruz, senão do Sacramento. *Et vocabant eum no-
mine patris sui Zachariam. hoc est, memoriam domini.*

Cõ tudo responde S. Izabel: *Nequaquã.* Por nenhũ caso.
E cõ muita razão. Porq̃? Pella mesma, q̃ o persuade. Porq̃ se
o nome do Sacramẽto diz tudo o q̃ bã no estado Rel gioso
& o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deve to-
mar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleição
dos nomes ha hũa grãde differença tomada dos fins porq̃ se
elegẽ: os nomes q̃ se tomão por verdade dizẽ tudo, os q̃ se
tomão por vaidade dizẽ mais, os q̃ se tomão por humildade
dizẽ menos. E como a mesma humilidade que desprezou a
grãdeza dos nomes paternos, foi a q̃ fez a eleição do nome
Religioso; por isso com discreta impropriedade escolheu o
nome diminutivo da Cruz, em q̃ he mais o q̃ se calla, q̃ o q̃
se diz. Como respõdo a Christo Sacramẽta lo, cõ o mesmo
nome do Sacramẽto quero cõfirmar a resposta. O Sacramẽ-
to do altar chama se corpo, & sangue de Christo. Elle nome
he deu o mesmo Senhor. *Hoc est corpus meũ Hic est Calix san-
guinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramento mais algũa cousa?
Ha alma, & ha diuidade. Pois se no Sacramento não sò está
corpo, & sãgue, senão tãpẽ alma, & diuidade, porq̃ senão
chama corpo, & alma, sãgue, & diuidade de Christo, senão
corpo, & sãgue somente? Porq̃ este nome deu o christo ao Sa-
cramẽto na hora em q̃ se quiz mostrar mais humilde. A ho-
ra e q̃ Christo se mostrou mais humilde foi a mesma em q̃
instituiu o Sacramẽto de seu corpo, & sãgue, dispondo aos

Apostolos com a pureza do lauatorio: & a si com a humildade de lhe lauar os pes. E como Christo poz o nome a este misterio com aduertencias de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle auia; que os nomes que compoem a humildade sempre callão mais do q̄ dizẽ. O q̄ diz he corpo, & sangue; o q̄ calla he alma; & diuidade. O mesmo passa no nosso caso: q̄ ainda q̄ senam tomou o nome ao Sacramento, seguioselhe o exemplo. Deixase o nome do Sacramento, porq̄ diz mais, tomase o nome da Cruz porq̄ diz menos; q̄ se prezia o verdadeiro amor, do q̄ he, & não do q̄ significa. Bastelhe a Religiõ ser Cruz *ex vi verborum*, ainda q̄ seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foy logo deixarse o nome de Zacharias quãto á significação, como quãto á realidade: *Et ait mater eius nequaquam.*

Acabou senos o thema; & se me não engano tenho pôderado todas as clausulas delle, cõ algũa semelhança às obrigações deste dia. Mas tãbẽ vejo q̄ reparariaõ os mais curiosos em q̄ passei em silencio aq̄llas palavras: *Audierunt vicini, & cognati, & congratulabatur ei.* Cõfesso q̄ não fallei nestas palavras; & tãbẽ cõfesso, q̄ as deixei porq̄ não achei nellas semelhança, senão muita differença do nosso intento. *Cognati, & vicini congratulabatur ei.* Lã no nacimẽto do Baptista diz o Euãgelho, q̄ os parõtes, & os visinhos estauã muito cõtẽtes, & agradecidos; porẽ cã não he assi. Tãõ fora estã de poderem estar cõtẽtes os visinhos, & os parõtes; q̄ antes o parõtesco & a visinhança tẽ rezaõ de estar queixosos. Tẽ razão o parõtesco de estar queixoso, porq̄ se vê a si deixado: tẽ razão a visinhança de estar queixosa, porq̄ vé os estranhos preferidos. Quando o sãgue se vé deixado, porq̄ não hade estar queixoso o parentesco? E quando as estrangeiras se vem preferidas às naturaes, porque nam hade estar queixosa a visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabatur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, q̄ não tẽ rezaõ o parõtesco d'estar queixoso: porq̄ quando as obrigações do sangue se deixão por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quẽ he deixado he sacrificio, mas
da

da parte de quem deixa he lioja. Tudo prouo. Hospedou
Martha a christo em sua casa, & tinha esta senhora hua ir- Luc. 12
mã a quem o texto chama Soror Maria. *Et huic erat Soror no*
mine Maria: A qual se retirou cõ Christo, & assentada humil
de a seus pés, o estava ouvindo, & cõtẽplãdo. Chegou Mar
tha ao Senhor, & disse-lhe: *Dñe non est tibi cura quod Soror mea*
reliquit me solã ministrare? E bẽ senhor tão vos descuidais de
mi, que não vedes que minha irmã me deixou só? Esta foi
a historia; duas sam as minhas ponderaçoes. Digo que
Martha na queixa que fez de Maria offereceo hum gran
de sacrificio a christo, & Maria na occasiam que deu a
queixa, deu hua grande satisfacão a Martha.

Difficulto alli. Christo nam foi o q̄ chamou a Maria; Ma
ria foi a q̄ se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasião
justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & não Christo; porq̄
propõe Martha a sua queixa a Christo. & nam a Maria? Porq̄
Martha nesta acção nam pretẽdeo tão dar queixas de Ma
ria, quanto offerecer sacrificios a christo. Como se differa
Martha. Nam cudeis Señor, q̄ só Maria he a q̄ faz as sinezas
q̄ eu tãbẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deua
çam, eu sacrificio minha solidade: *Reliquit me solã ministrare*
Ella offereceuos o estar cõ vosco, eu offereçouos o estar sã
ella. De sorte q̄ he hua acção auia alli dous sacrificios: hũ de
Marta porq̄ se fora pera Christo, outro de Marta porq̄ ladeixa
ra Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma
ria, ou o de Martha? Eu nam me atreuo a dar sãtença nesta
causa. Sõ digo q̄ se neste lugar prẽgara S. Pedro Chrysol Chrysol
auia de dizer q̄ o sacrificio de Marta era maior q̄ o de Ma
ria. Pergũta S. Pedro Chryl. quẽ fez mais, se Abraham è (a. Gen. 32
crificar a Isac; se Isac è se oferecer ao sacrificio. Resolue q̄
Abraham; & verdadeiramẽte tẽ a escriptura por sua parte. Po
is se Isac era a victima q̄ auia de ficar morto: se Abraham
era o Sacerdote q̄ auia de ficar vivo; como era, ou como po
dia ser q̄ o sacrificio fosse maior è Abraham q̄ è Isac? A razã
he esta. Porq̄ Isac sacrificaua a sua pessoa, Abraham sacrifica
ua a sua solidade: Isac offerecia se a ficar sã vida, Abraham
offereciase a ficar sã Isac. E segũdo o muito q̄ Abraham ama
ua aq̄lle filho, maior sacrificio fazia è o dar a elle, q̄ elle è

se dar a si. Bê digo eu logo q' foi grãde sacrificio, e q' Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos q' a soledade de Maria. *Reliquit me solã ministrare.*

E q' Maria na mesma occasião, q' deu à queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duvida. Porq' Porq' deixar Maria a Martha não por amor doutrẽ, senão por estar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q' fazia tão grãde estimação de sua companhia, q' só por Deos a poderia deixar, & só cõ Deos a podia suprir. Vêdo os filhos de Israel q' avia quarenta dias q' faltava Moyses por estar fechado cõ Deos. de terminaraõ abalar do pé do monte, & irse. Feraõse ter cõ Araõ, & disserão estã. *Fac nobis Deos qui nos precedant Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit:* Araõ, fazeinos hũ Deos q' nos acõpanhe, porq' não labemos q' feito he deste homẽ Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cã hum Deos porq' falta Moyses. Moyses não era homem? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homẽ porq' pediã hũ Deos em falta de Moyses? Porq' há presenças, q' só por Deos se podem deixar; & há ausencias q' sã cõ Deos se podem suprir. Como os Hebreos amauã tanto ao seu Moyses, & se viã forçados ao deixar, fazãõ este discurso. Já que se hade deixar Moyses, sã por hũ Deos se hade deixar; & já q' se hade suprir cõ outrẽ o seu lugar, sã com hum Deos se hade suprir. Por isso pediã a Araõ hũ Deos, & não outro substituto daquela ausência: *Fac nobis Deos qui nos precedant* Esta satisfação derãõ os Israelitas a Moyses quando o queriãõ deixar, & esta foi a satisfação q' deu Maria a sua irmã quando a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar cõ Deos; *Qua etiã sedes secus pedes Domini.* Não tẽ logo razão o parentesco hoje de se mostrar sãdo, ou queixoso, se não contente, & agradecido. *Cognati congratulabantur ei.*

Et audierũt vicini. Tãbem senam deue queixar a visinhãça de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E Porque? Porq' huã alma q' por mais seruir a Deos quiz ajutar a clausura com a peregrinação, necessariamente ouue de deixar os naturaes, & buscar os estrangeiros. Huã das couzas que muito agradou sempre a Deos em seus seruos foi a peregrina-

grinação. Por isso mandou a Abrahão q' saísse peregrino de sua patria: por isso quiz q' peregrinasse Iacob em Mesopotamia; Joseph no Egypto: & ao mesmo povo querido de Israel, porq' o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos, (q' tambem o quiz ser neste mundo) q' faria hũa alma de se josa de agradar muito a Deos, vendose obrigada á clausura pelo seu estado, & inclinada á peregrinação pelo g'osto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois q' remedio? O remedio foi entrando em Religião, escolher hũ mosteiro de Estrangeiras; para q' viesse desta maneira a achar jũtas a clausura; e a peregrinação: a clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, q' era possível estar jũtamente em Portuga', & peregrinar em Fládes? Pois isto he o q' vemos hoje cõ nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Quando o povo sabio do Egypto ouiu a lingua q' nam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderaua a peregrinação dos Israelites parece q' auia de dizer q' passaram climas incognitos, q' caminharam terras desconhecidas. Pois porq' não repa a nas terras senam nas linguas? Porq' nam diz q' andaram por terras estranhas, senam q' ouiram linguas estrangeiras? Porq' julgou discretamente o Profeta q' a formalidade da peregrinação consistia tanto na mudança dos lugares, quanto na differença das linguas. Não está o ser peregrino na estranheza das terras q' se caminão, senam na estranheza da gente com q' se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Sahir do Egypto para onde se ouue outra lingua isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua estranha, bẽ dig' eu, q' e' isto aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Não oue logo de estar queixosa a visibilidade, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosos por saquezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem o

Gen. 12

Gen. 29

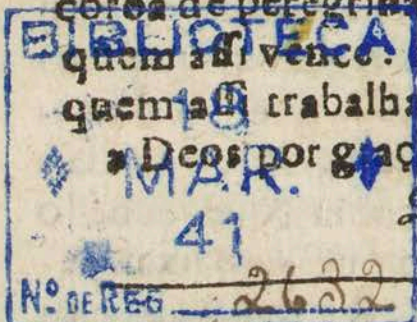
Gen. 39

Muth. 2

Psal. 80

bre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particu-
lar (pirito na profissão de seu estado, trocando as apparencias do sentimento em motiuos de perabens. *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & com elle as victorias do
Impossiael, que assi se chama. Doulhe este nome não só por
ser Sermam do Nascimento do Baptista, com o qual pro-
uou o Anjo que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit
impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermam
desta profissam solemnissima que celebramos, na qual sem
aver reparado, deixo prouados seis impossiveis. No naci-
mento do Baptista vence-se hum impossivel, que foi a jun-
tar-se a esterilidade com parto: *Elisabet peperit filium.* No ac-
to desta profissão vencera-se seis impossiveis, que forão os
que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro
ajuntar-se a Corte com o deserto. No segundo a mocidade
com o desengano. No terceiro a grandeza cõ o desprezo.
No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida
com a morte. No sexto a clausura com a peregrinaçam. E
seis impossiveis vencidos na terra, que deuem esperar se-
nam seis coroas ganhadas no Ceo? Daruos ha no ceo, es-
posa serenissima de Christo, a Corte com o deserto huã co-
roa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade
com o desengano huã coroa de prudente entre o coro dos
Doutores. A grandeza cõ o desprezo huã coroa de hu-
milde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o
castigo huã coroa de penitente entre o coro dos Confesso-
res. A vida com a morte huã coroa de mortificada entre
o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam huã
coroa de peregrina entre o coro das virgẽs. Assi triumpho
quem assi vence: assi alcança quem assi merece: assi goza
quem assi trabalha: assi reyna quem assi serue: nesta vida
Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.
Quam mihi, & vobis, &c.



Taxam este Sermam em reis. Lisboa 19. de Novembro
de 1651. Meneses: Ribeiro.